Análise e produção de textos

Luciney Rosa SUR (UNEMAT)
lucineyromao@hotmail.com

SUR, Luciney Rosa. Análise e produção de textos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 6, p. 182-185, jan./jun. 2016.

Resenha

SANTOS, Leonor Werneck dos; CUBA RICHE, Rosa; TEIXEIRA, Cláudia de S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2013.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Leitura. Redação.

Keywords: Elementary School. Reading. Essay.

Da *Coleção Linguagem & Ensino*, que apresenta livros destinados a orientar e capacitar professores de línguas e estudantes de Letras e Pedagogia nas recentes inovações de teorias e práticas linguísticas, a obra se coloca como uma aliada para ensinar os estudantes a dominar as três práticas de linguagem – leitura, produção textual e análise linguística e os seus cinco capítulos trazem, além dos conceitos, definições e explicações teóricas, sequências de atividades sempre partindo de textos e seguidas de comentários que destacam os objetivos e os conteúdos estudados. Segundo as autoras, o objetivo da obra é auxiliar o professor de língua portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental, a tornar seus alunos competentes leitores e produtores de texto.

No primeiro capítulo, as autoras fazem algumas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental, mencionando os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN, que apresentam uma abordagem de ensino de língua portuguesa em que os alunos devem refletir sobre sua língua e ser coautores do conhecimento. Assim, afirmam que, de acordo com tais documentos, ensinar português só faz sentido com base em textos orais e escritos, buscando uma interação entre leitura, produção textual e análise linguística. O trabalho concebendo o texto como unidade de ensino é o que os PCN propõem para congregarem as três práticas preconizadas. Em seguida, as autoras discorrem sobre a relação entre texto, coesão e coerência, destacando a coesão, a qual atualmente se relaciona à intencionalidade do texto. Abordando a discussão sobre texto como unidade de ensino, enfatiza a diversidade de textos que a escola deve trabalhar: textos orais e escritos, verbais e não verbais, para desconstruir a ideia de senso comum de que texto é qualquer material escrito. Uma discussão bastante recorrente, abordada ainda neste capítulo, é a das tipologias e gêneros textuais. Ao iniciar tal discussão, as autoras pressupõem que o leitor já domine o conceito e a classificação dos tipos textuais, o que o livro só apresenta no final do capítulo. Ainda, destinam uma parte para discutir a especificidade dos gêneros orais, os quais são pouco trabalhados em sala de aula e abordados em livros didáticos.

No segundo capítulo, discute-se a necessidade de a escola proporcionar a prática de leitura de textos variados e para isso trazem discussões e atividades a serem desenvolvidas com os alunos a fim de subsidiar o professor. São apresentados os conhecimentos prévios mobilizados para a leitura acrescentando, além do textual, linguístico e enciclopédico, o intertextual e o contextual. Também apresentam as

etapas e estratégias de leitura. No final do capítulo, as autoras deixam claro que as atividades apresentadas buscaram abarcar os descritores do SAEB a respeito das habilidades de leitura.

O capítulo seguinte trata da prática de análise linguística, no qual as autoras enfatizam a necessidade de ir além do ensino da gramática. Para isso apresentam as abordagens de ensino de língua portuguesa — prescritiva, descritiva e produtiva — e as abordagens no ensino de gramática. Ao discutirem o conceito de análise linguística, respaldam-se novamente nos PCN e buscam demonstrar que a análise linguística se diferencia, em diversos aspectos, do ensino tradicional da gramática. Sobre a progressão didática do trabalho com os gêneros textuais associada à análise linguística, são sugeridos os PCN como norteadores, e é recomendado aos professores de língua portuguesa que conheçam essa proposta, a qual certamente colaboraria para realizarem um trabalho mais produtivo em suas aulas. Ao proporem as atividades relativas ao tema do capítulo, mencionam o *Guia de livros didáticos – PNL D 2012*, no que se refere à reflexão sobre a língua e a linguagem. Ao concluírem o capítulo, destacam que os materiais didáticos estão iniciando o caminho da adequação à nova proposta, e os professores precisam saber como segui-la.

A produção de textos é o tema tratado no quarto capítulo e novamente são citados os PCN, quanto à sua proposta de trabalho a partir de textos, o que significaria uma mudança de paradigma no ensino de língua portuguesa. Esclarecem que tais documentos optam pelo uso da expressão “produção textual” por entender que a comunicação linguística e a produção discursiva em geral não ocorrem por unidades isoladas, mas por unidades maiores: os textos, sejam orais ou escritos. As autoras enfatizam a necessidade de se trabalhar a produção textual numa perspectiva sociointeracional, o que torna o texto uma unidade de sentido e assim, apresentam e definem os critérios de textualidade — coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade — os quais servem como critérios para analisar as produções textuais na escola. Afirmam ainda que, na perspectiva da escrita ser vista como um processo, há várias etapas até a produção do texto final, e essa atividade deve estar inserida em eixo temático maior, já bastante analisado e debatido pela turma. Em seguida apresentam as etapas de produção textual, a qual tem semelhança com a sequência didática de trabalho com os gêneros textuais de Schenewly e Dolz, os quais também serviram de aportes teóricos para os PCN.

Em todos os capítulos, há propostas de atividades envolvendo a prática discutida, e o último capítulo é dedicado a sugestões de atividades que integram as três práticas de linguagem apresentadas nos PCN, focando textos escritos e orais, e é em relação ao trabalho com textos orais que a obra vai além das práticas sugeridas em livros didáticos, pois nestes, quando se trata das práticas de oralidade, se referem aos gêneros textuais mais planejados, como seminários, debates etc. e os textos orais espontâneos, como bate-papo, conversas telefônicas e outros, dificilmente são abordados.

É sabido que os PCN ainda não foram assimilados pela maioria dos professores, mas os livros didáticos que, nas escolas públicas, são distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático-PNLD, têm que estar adequados a eles, assim, os professores acabam por desenvolver o que propõem tais documentos, mesmo que de forma indireta e pouco crítica.

Os PCN, tão enfatizados na obra, sofreram várias críticas de especialistas e, segundo Lino de Araujo(2001)¹, comparando-se a sequência produção de leitura, análise linguística e produção textual com a proposta geral dos livros didáticos, não há nenhuma inovação, assim como não há nenhuma justificativa para que a sequência seja a proposta. Verifica-se, dessa forma, a repetição de um ciclo de atividades cujo encadeamento sugere que atividades de leitura levam a atividades de escrita que, por sua vez, levam a atividades de análise linguística, tal como se entende tradicionalmente. Então tais documentos não apresentariam uma mudança de paradigma como apresentam as autoras em vários momentos. Vários pesquisadores já haviam proposto mudanças nessa sequência, e a discussão sobre o ensino de análise linguística também já havia sido muito debatida, no sentido de resgatar a dimensão de uso da linguagem no ensino gramatical.

Apesar disso, é possível concluir que essa obra, ao buscar se respaldar em documentos oficiais que, após quase duas décadas de sua publicação, não foram revistos de forma a dialogar com as diversas críticas recebidas e tampouco foram tomados de fato como referência pelos professores, não deixa de oferecer contribuições para uma melhoria nas práticas, com a riqueza de sugestões de atividades didáticas que apresenta e pela forma como esclarece e amplia a discussão sobre vários conceitos e práticas.

Recebido em: 08 de ago. de 2015.

Aceito em: 21 de jul. de 2016.

1 LINO DE ARAÚJO, Denise. *PCN de Língua Portuguesa: há mudança de paradigma no ensino de língua?* Rev. de Letras - No. 23 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2001, p.77